

O TRABALHO PEDAGÓGICO EM REGIÃO DE FRONTEIRA E A DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA

El Trabajo Educativo en la Región Fronteriza y Diversidad Cultural en la Escuela

Vera Lúcia Barros dos Santos MAGALHÃES*
Cláudia Araújo de LIMA**

Resumo: O artigo busca apresentar e discutir os resultados de pesquisa acerca da realização do trabalho pedagógico com a diversidade cultural dos alunos bolivianos que estão presentes nas escolas da cidade de Corumbá-MS. O propósito desse artigo visa entender como os professores trabalham com esses alunos e os problemas que enfrentam na sala de aula, identificando estratégias para uma formação pedagógica voltada e comprometida com a valorização e integração entre os dois países. As pesquisas relacionadas com o tema revelam que os professores e alunos que vem de outro País ou Estado encontram muitas dificuldades e resistência no relacionamento e aprendizagem.

Palavras-chave: Diversidade cultural, Fronteira, Educação.

Resumen: El artículo pretende presentar y discutir los resultados de investigación al respecto de cómo está siendo realizado el trato pedagógico con la diversidad cultural para los alumnos

Introdução

O presente artigo pretende discutir e refletir, de forma empírica, a adaptação das crianças bolivianas, presentes nas salas de aulas das escolas da cidade de Corumbá-MS em relação aos costumes, e a maneira como os professores desenvolvem suas atividades escolares, aproveitando ou excluindo essa diversidade cultural marcante e constante nas nossas escolas por estarem em uma cidade de fronteira.

O interesse em conhecer o trabalho pedagógico da diversidade cultural na escola surgiu na disciplina de educação

* Discente do 7º semestre no curso de graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus do Pantanal, pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinares em Políticas públicas, direitos humanos, gênero, vulnerabilidades e violências - NEPI PANTANAL – Grupo de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Educação Social – PPGE/CPAN/UFMS, Projeto Observatório Eçaí: Educação, Saúde, Desenvolvimento e outros direitos humanos de crianças e adolescentes na fronteira Brasil e Bolívia. E-mail: veraluciabsm@gmail.com

** Pedagoga. Doutora em Saúde Pública. Profa. Adjunta da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Líder e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinares em Políticas públicas, direitos humanos, gênero, vulnerabilidades e violências - NEPI PANTANAL – Grupo de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Educação Social – PPGE/CPAN/UFMS, Projeto Observatório Eçaí: Educação, Saúde, Desenvolvimento e outros direitos humanos de crianças e adolescentes na fronteira Brasil e Bolívia. E-mail: claudia.araujolima@gmail.com

bolivianos presentes en las escuelas de la ciudad de Corumbá-MS. El propósito de este artículo es entender como los profesores trabajan e identifican las estrategias para una formación pedagógica enfocada y comprometida con la valoración y integración entre los dos países. Las investigaciones relacionadas con el tema revelan que los profesores y alumnos que vienen de otro país o Departamento encuentran muchas dificultades y resistencia en el relacionamiento y aprendizaje.

Palabras clave: Diversidad, Frontera, Educación.



e diversidade cultural do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no *Campus* do Pantanal (CPAN/UFMS). Através de leituras e discussões realizadas em sala de aula, foi possível conhecer um pouco como a escola e os educadores tratam a questão da diversidade com seus alunos e quais elementos são trabalhados no ambiente escolar nessa região e em outros lugares do país.

Martins (2009), afirma que é na fronteira que se pode observar melhor como as sociedades se formam, organizam ou se reproduzem:

A fronteira é o espaço próprio do encontro de sociedades e culturas entre si diferentes, a sociedade indígena e a sociedade dita 'civilizada', mas também as várias e substancialmente diferentes facções da sociedade de brancos e mestiços que somos. A fronteira é o lugar da liminaridade, da indefinição e do conflito. Tem sido o lugar da busca desenfreada de oportunidades. (MARTINS, 2009, p.10)

Segundo Aranha (2004), a educação inclusiva é estar com, é interagir com o outro, garantindo os seus direitos e a sua participação, ter o privilégio de conviver e partilhar com pessoas diferentes de nós.

A ideia de uma sociedade inclusiva é fundamental numa filosofia que reconhece e valoriza a diversidade, como característica inerente à constituição de qualquer sociedade. Partindo desse princípio e tendo como horizonte o cenário ético dos Direitos Humanos, sinaliza a necessidade de se garantir o

acesso e a participação de todos, a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo e\ou grupo social (ARANHA, 2004, p. 8).

Hoje, os alunos vindos do país vizinho fazem parte do contexto educacional no município de fronteira. A partir dessa observação, surgem algumas perguntas: As escolas de Corumbá (MS) asseguram uma educação de qualidade, ao mesmo tempo em que respeitem a cultura desses alunos? Como as nossas escolas, após tantos anos de interações entre os dois países, acolhem nossos alunos bolivianos? Quais os progressos obtidos na educação em relação à valorização dessa diversidade cultural dos alunos? São muitas as inquietações apresentadas durante a pesquisa bibliográfica e a leitura dos artigos produzidos sobre o assunto.

A educação, para este público específico, acontece da seguinte maneira, conforme afirma Fleuri (2003, p. 18):

A educação passa a ser entendida como o processo construído pela relação tensa e intensa de diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente dito formativo, ou seja, estruturante de movimentos de identificação subjetivos e socioculturais.

Para Libâneo (1994), ao planejar as aulas, o professor deve propor que o seu planejamento provoque entusiasmo, participação e mudanças de forma positiva, acreditando na capacidade da realização que os alunos possuem, a partir da sua realidade e da experiência, contribuindo para o sucesso da aprendizagem.

Segundo Libâneo (1994, p. 224):

Não adianta fazer previsões fora das possibilidades dos alunos. Por outro lado é somente tendo conhecimento das limitações da realidade que podemos tomar decisões para superação das condições existentes. Quando falamos em realidade devemos entender que a nossa ação, e a nossa vontade, são também componentes dela. Muitos professores ficam lastimando dificuldades e acabam por se esquecer de que as limitações e os condicionantes do trabalho docente podem ser superados pela ação humana.

Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo foi refletir sobre a forma como os professores trabalham com os problemas que os alunos bolivianos enfrentam, com o propósito de conhecer e identificar possíveis estratégias para uma formação pedagógica de professores comprometidos com a valorização da diversidade cultural dos alunos, apontadas pelos próprios educadores.

Metodologia

O estudo realizado foi de natureza qualitativa e baseado no referencial teórico de autores como Abramowicz (2006), Aranha (2004), Bart (2000), Candau e Kramer

(1995), Canen (2001), Libaneo (1994), Martins (2009), Gadotti (1992), Gonçalves e Silva (1996), Fleuri (2003), Silva (2009), Vygostky (1989).

Para esta pesquisa, foram desenvolvidas as seguintes etapas: primeiramente um levantamento de fontes. Nas buscas por palavras chaves não foram encontrados muitos artigos referentes ao tema, demonstrando que no Brasil ainda existem poucas pesquisas sobre diversidade cultural e crianças em região de fronteira na área da educação, seja de forma ampla ou com recortes específicos. No segundo momento foram feitas as análises dos artigos coletados. No estudo foram incluídos artigos discutidos nas reuniões do grupo de estudo do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares NEPI/Pantanal, que se relacionavam com o tema “O trabalho pedagógico em região de fronteira e a diversidade cultural nas escolas”.

Para a realização da pesquisa, inicialmente foi feito levantamento bibliográfico a respeito das temáticas: diversidade cultural, educação e fronteira. Os artigos selecionados foram discutidos nas reuniões do grupo de pesquisa NEPI/Pantanal.

Analisando os dados de pesquisas relacionados nas revisões bibliográficas, observar-se a importância do tema diversidade nas escolas de fronteira, por haver uma grande concentração de crianças bolivianas na cidade de Corumbá - MS, apontando ser de fundamental importância desenvolver atividades e integrações entre culturas que são enriquecedoras para o Brasil e a Bolívia.

No mapeamento geral foram localizados 178 artigos nas bases de dados do Scielo e da Capes, no idioma português de acordo com as palavras-chaves: Educação, Fronteira e Diversidade no resultado dos últimos 10 anos no período de 2004-2015.

Na base de dados da Capes e da Scielo, pode-se observar uma quantidade substancial de artigos com as temáticas sobre Educação, fronteira, imigrante e diversidade. Entretanto, são poucos os artigos que trabalham esses quatro temas aplicados na cidade de Corumbá, evidenciando a originalidade e a necessidade dessa pesquisa.

Os artigos selecionados e que se relacionam com o tema desta pesquisa, discutem pesquisas feitas na região de fronteira sobre questões da inserção dos bolivianos presentes em todos os contextos, das suas relações socioculturais e da inclusão na escola, questões relacionadas com a língua, que se configura como um dos grandes desafios a serem vencidos nas áreas de fronteira, como ressalta Pereira (2009).

A formação de professores para a diversidade cultural também é muito importante para o professor trabalhar na conscientização do fracasso escolar desses alunos, é o que afirma Canen (2001). A importância da preparação docente que leve em conta a sua conscientização para poder planejar de acordo com a necessidade de aprendizagem do aluno.

Na pesquisa de inclusão de crianças bolivianas nas escolas municipais de Corumbá-MS, Souza (2009) discute a questão de como estão inseridos os alunos em sala de aula e como ocorre a relação dos professores e alunos. Em um dos seus relatos da pesquisa, o autor afirma que, de fato, não existe um processo de inclusão dessas crianças, por dois motivos: a dificuldade da língua e o preconceito que sofrem em sala de aula.

Em seu artigo, Freitas (2015) apresenta a imigração das crianças bolivianas e as situações de tratamento e diferenças desvantajosas que as crianças bolivianas e suas famílias sofrem nas escolas da grande São Paulo.

Magalhães (2012) discute o direito humano à educação dos imigrantes da Bolívia que vivem em São Paulo em seu artigo, por dois debates globais: a crescente complexidade das imigrações internacionais e as tensões relativas à universalização de direitos em sociedades desiguais e discriminatórias.

De acordo com Costa (2010), os conflitos entre os bolivianos e brasileiros no comércio da Cidade de Corumbá-MS é explicado pelo grande número de bolivianos que residem na cidade e que passam a ocupar o comércio e a feira, sendo um dos marcadores sociais da diferença, contribuindo para a divisão desses indivíduos. Para Costa (2010), nessa situação de interdependência entre as cidades, há uma negação histórica da condição de cidade fronteiriça por parte dos moradores de Corumbá, resumida na frase: **“a fronteira é lá, e não aqui”** (grifo nosso).

Portanto, reconhecer a diversidade de cultura dos alunos bolivianos da região de fronteira, de acordo com os artigos trabalhados, é reconhecer o papel da escola, a formação de professores e a identidade dos alunos articulados ao trabalho pedagógico voltado para a realidade de todos os que estão ligados diretamente com a educação. Faz-se necessário reforçar uma perspectiva de reflexão e oportunidades de trazer os alunos bolivianos para contribuir e interagir com a sua cultura nas escolas da região de fronteira, valorizando o saber docente para a transformação da escola em um espaço de cidadania para alunos de todas as raças, gêneros, classes sociais e cultura.

O trabalho pedagógico baseado na diversidade cultural

Abordar sobre o trabalho pedagógico com a diversidade cultural na escola é de suma importância para conhecer e saber como a escola e os professores planejam suas atividades para a aprendizagem e qual a postura diante da diversidade desses alunos. O planejamento é um processo de racionalização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social (LIBÂNEO, 1994).

Para Libâneo (1994), os trabalhos pedagógicos da escola e dos professores estão interligados com o planejamento, no qual o professor utiliza os conhecimentos didáticos e a sua experiência para desenvolver os conteúdos, não como um único padrão, mas enxergando as entrelinhas do processo de ensino-aprendizagem.

A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais, tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que os elementos do planejamento escolar, objetivos, conteúdos, métodos – estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções, se não pensarmos acerca das nossas opções, se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade (LIBÂNEO, 1994, p. 222).

A falta da inserção dos alunos em sala de aula acaba padronizando os conteúdos e os sujeitos presentes neste espaço escolar e no processo educacional, os diferentes, de origem popular, afrodescendentes, índios e portadores de deficiência acabam sendo excluídos e fracassando nesse ambiente, que deve ser um espaço de busca e interação acaba sendo um espaço de conflitos.

Nas palavras de Xavier e Canen (2008, p. 05):

...a partir do olhar multicultural, temos que ter em mente dois aspectos importantes: primeiramente que as diferenças não constituem incompletudes; defeitos, falhas ou caracteres de anormalidades, e sim que elas se caracterizam como uma pluralidade de formas legítimas de ver, de ser e de estar no mundo. E, em segundo lugar se faz necessário e urgente olhar para o interior de nossas salas de aulas, não apenas procurando os que estão ausentes fisicamente desse local, mas também buscando os grupos e os indivíduos a quem os processos educativo e social têm negado espaço, representação, voz, permanência e sucesso.

De acordo com Vygotsky (1989) a aprendizagem não é um processo solitário, ou individual, mas um processo social que ocorre na interação com o outro. Nesse processo o professor exerce um papel fundamental, estabelecendo uma relação cognitiva e humana com o aluno.

O papel da escola e do professor no contexto da diversidade cultural da região de fronteira

A escola e os professores devem aprender a interagir com a diversidade cultural, pois é neste contexto escolar que estão os mais diversos sujeitos portadores de sua própria cultura. Como diz Gadotti (1992, p. 21): “Educação para todos significa acesso” de todos à educação, independente de posição social ou econômica, um acesso a um conjunto de conhecimentos e habilidades básicas que permitam a cada um desenvolver-se plenamente levando em conta o que é

próprio de cada cultura, pois compreender as diferentes culturas dos alunos que estão presentes na escola vai além de ensinar.

Para Gonçalves e Silva (1996, p. 53):

Educar para a diversidade é fazer das diferenças um triunfo explorá-las na sua riqueza, possibilitar a troca, proceder como grupo, entender que o acontecer humano é feito de avanços e limites. E que a busca do novo, do diverso que impulsiona a nossa vida deve nos orientar para a adoção de práticas pedagógicas, sociais e políticas em que as diferenças sejam entendidas como parte de nossa vivência e não como algo exótico e nem desvantagem.

A escola e os professores devem estar atentos, como os autores alertam para a necessidade de se promover uma visualização de todos os grupos étnico-culturais como portadores de cultura (CANDAU; KRAMER, 1995). Trabalhar a educação no sentido de favorecer reflexões sobre conteúdos discriminadores, ações e negação do outro, sendo fundamental ponto de partida para encaminhar na direção de uma educação multicultural e antidiscriminadora.

Para Silva (2009, p. 53):

Uma visão e uma prática pedagógica que enxerguem o outro nas suas semelhanças e diferenças não condizem com práticas discriminatórias e nem com a crença em um padrão único de comportamento, de ritmo, de aprendizagem e de experiência. A ideia de padronização dá margem ao entendimento das diferenças como desvio, patologia, anormalidade, deficiência, defasagem, desigualdade. O trato desigual das diferenças produz práticas intolerantes, arrogantes e autoritárias. E essa postura está longe do tipo de educação que os profissionais de educação vêm defendendo ao longo dos anos.

A escola é um espaço sociocultural em que é possível o encontro da diversidade e é marcado por todos os aspectos sociais. Refletindo sobre essa diversidade cultural presente no cotidiano escolar, Gadotti salienta que:

A escola que negasse a cultura de massa estaria contribuindo para o fracasso escolar das crianças das camadas populares, em relação às crianças das elites. A escola que tira a criança desse ambiente de bombardeamento constante dos meios de comunicação de massa e a transporta para um local enfadonho, que não utiliza a sua linguagem e não satisfaz os desejos, fracassa na sua tarefa primeira que é despertar o desejo de aprender e desenvolver a capacidade de continuar aprendendo (GADOTTI, 1992, p. 38).

Enfrentar o desafio de propor um ensino que respeite a diversidade cultural de todos os alunos significa constatar cada realidade social e cultural, traçando um projeto pedagógico com objetivos de atendê-los sem exceção. Sendo de competência da escola acolher as diversas culturas, sem romper com suas especificidades, interagindo com os aspectos culturais, sociais e econômicos. De acordo com Gadotti (1992), a educação indica a possibilidade de se promover a equidade, significa dar oportunidade a todos de alcançar e manter um nível aceitável de aprendizagem.

Como acontece a educação baseada na diversidade?

Segundo Gonçalves e Silva (1996), educar para a diversidade é fazer das diferenças um trunfo, explorá-las na sua riqueza, possibilitar a troca, proceder como grupo, entender que o acontecer humano é feito de avanços e limites. E que a busca do novo, do diverso que impulsiona a nossa vida deve nos orientar para a adoção de práticas pedagógicas, sociais e políticas em que as diferenças sejam entendidas como parte de nossa vivência, e não como algo exótico e nem como desvantagem.

A escola, tendo um papel claro e verdadeiramente democrático, garante os direitos e deveres dos indivíduos inseridos no seu ambiente, com projetos pedagógicos claros pensados principalmente em todos que atuam e estão interagindo direta e indiretamente do ambiente escolar. Para Abramowicz (2006, p. 12) [...] diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. A diferença é qualidade do que é diferente; o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança.

É na região de fronteira que se encontra uma grande variedade de cultura, definindo o contexto de cada indivíduo. Para Barth (2000), são as fronteiras, a partir de processos de exclusão e inclusão, e não o conteúdo cultural, que definem os grupos étnicos e explicam sua persistência. Portanto a identidade étnica é construída e transformada na interação entre os grupos sociais.

Considerações

Entendemos que se faz necessário que a escola tenha um papel fundamental para nortear a educação em área de fronteira, garantindo que os dois países se conscientizem da importância dessa troca de cultura de ambos, como forma de uma boa relação entre os dois países, valorizando e respeitando as suas especificidades locais, enriquecendo o ambiente escolar com toda essa diversidade cultural que está presente nas duas cidades.

As escolas de cidades de fronteiras têm um grande desafio que é o de investir nessa diversidade de culturas, interagindo com as tradições e a língua do país vizinho, criando condições para que os alunos estrangeiros, possam se sentir mais seguros e aptos a estar recebendo a aprendizagem do nosso país, sendo inseridos nas propostas curriculares das nossas escolas. Ocorrendo todo esse processo, a valorização e o respeito dos outros alunos e professores vão ocorrer, em relação aos alunos bolivianos que estão presentes nas nossas salas de aula. O respeito e o reconhecimento dos valores culturais possibilitarão a todos os alunos dos dois países, um ambiente escolar de qualidade e o professor se conscientizará

da importância de uma educação bilíngue, conseguindo perceber e entender as dificuldades e problemas que o aluno estrangeiro encontra na sala de aula, quando não é percebido e compreendido.

Outra questão fundamental e de muita importância é a formação do docente com um foco aprofundado para o mesmo estar desenvolvendo trabalhos pedagógicos nas regiões de fronteira, para que possa ter uma base de formação e domínio em sala de aula, recebendo os alunos estrangeiros sem deixá-los despercebidos em um canto da sala de aula.

Portanto, se faz necessário reforçar a qualificação do docente desde a universidade com formação do idioma espanhol e leituras e estudos sobre o papel da escola na fronteira, bem como estar preparados para receberem os alunos de outros países, enxergando-os como parte integrante e importante de todo processo de aprendizagem e do ambiente escolar do qual está fazendo parte.

Referências

- ABRAMOWICZ, A. *Trabalhando a diferença na educação infantil*. São Paulo; Moderna, 2006.
- ARANHA, Maria Salete Fábio. (org.). *Educação inclusiva: a fundamentação teórica*. Vol. 1 SEESP/ MEC. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.
- BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: *O guru e o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p.25-68.
- BRAUMEL, Roseli; CARVALHO, C. R. Formação de professores: aportes multiculturais e o movimento da inclusão. *Educar em Revista*, dez 2004, p.149-161.
- CANEN, Ana. Universos Culturais e Representações Docente: Subsídios para a Formação de Professores para a Diversidade Cultural. *Educação e Sociedade*, ano XXII, nº 77, dezembro/2001.
- CANDU, V. M. Educação escolar e cultura. *Tecnologia Educacional*, vol.22, n. 125, 1995, p.23-28.
- COSTA, Gustavo V. L. Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na Fronteira. *Maná*, n.21, 2010, p.35-63.
- COSTA, Edgar Aparecido. Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá, Brasil. *Revista Transporte y Territorio*, n.9, 2013, p.65-86.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.23, Rio de Janeiro, Ago.2003, p.16-35.
- FREITAS, M C e Silva, A. P. Crianças Bolivianas na educação infantil de São Paulo: Adaptação, vulnerabilidades e tensões. *Cadernos de Pesquisa*, v.45, jul./set.2015. p.680-702.
- GADOTTI, M. *Diversidade cultural e educação para todos*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- GONÇALVES, Luciane R. D. Educação e multiculturalismo o currículo e a prática docente. In: SILVA, Maria Vieira; CUNHA, Mirtes Dias. *Políticas e práticas docentes: alternativas em construção*. Uberlândia: Edefu, 2004, p. 55-64.
- PEREIRA, Jacira Helena do Valle. Diversidade Cultural nas Escolas de Fronteiras Internacionais: O caso de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-graduação em Educação/CCS/UFMS. *Revista*

Múltiplas Leituras, v.2, n.1, p.51-63, jan./jun.2009.

KRAMER, S. Questões raciais e educação: Entre lembranças e reflexões. *Cadernos de Pesquisa*, nº93, maio 1995, p.66-71.

LIBANEO, J. Carlos. Didática. *O Planejamento escolar*. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBANEO, J. Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 221-247.

LIBANEO, J. Carlos. A Aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da Teoria da atividade. *Educ.rev.*, nº 24. Curitiba, jul./dez.2004.

MAGALHÃES, G. M.; Schilling F. Imigrantes da Bolívia na Escola em São Paulo. *Pro-Posições*, Campinas, v.23, nº1 (67), p.43-63, jan./abr.2012.

MARTINS, José de Souza (2009). O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. In: _____, *Fronteira: a degradação do outro nos conflitos do humano*. 2. ed. São Paulo: Contexto 2009, p.131-179.

SILVA, Samira Fauéz K. Fourida. *A ação docente e a diversidade humana: pedagogia*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

WALDMAN, T; C.F. J.; R.A. *O acesso à educação escolar de imigrantes em São Paulo: a trajetória de um direito*, 2015.

VYGOTSKY, Lev. Semenovitch. *A formação social da mente*. Tradução José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

XAVIER, Giseli P. de M. A formação continuada dos profissionais da educação e o desafio de pensar multiculturalmente uma escola pública de qualidade. In: Reunião Anual da ANPED, 31. 2008, Caxambu. *Anais...* Caxambu, 2008.

_____; CANEN, Ana. Multiculturalismo e educação inclusiva: contribuições da universidade para a formação continuada de professores de escolas públicas no Rio de Janeiro. *Pro-Posições*, Campinas, UNICAMP, v.19, n.3 (57), p.225-2set/dez. 2008.